

Era uma vez nas profundezas da Terra...

Era uma vez, há muito tempo atrás, num tempo que nem mesmo o tempo pode contar, a Terra, a nossa terra, era coberta por pedras. Pedras enormes e também miudinhas. Pedras de todos os tipos, pontiagudas - lisas, ásperas, a formar altas montanhas e fundos vales. Tudo estava num profundo silêncio e pairava no ar um calor tão grande, mas tão grande que, de tempos em tempos, até mesmo caía do céu labaredas de fogo.



Foi neste tempo que, nas profundezas da terra, por entre grutas e túneis, os anõezinhos se protegiam do calor e trabalhavam sem cessar a lapidar pedras, a construir novos caminhos por entre cristais. As mães trabalhavam a tecer fios de texturas diversas, feitos dos mais diferentes minerais e com eles faziam vestidos compridos e capuzes pontudos com os quais as famílias de anões se protegiam do frio intenso que fazia nos caminhos profundos e escuros da Terra.

De tempos em tempos sentiam os tremores que a terra dava, e lembravam-se que lhes tinha sido dito que lá fora, grandes ondas de calor estavam a rolar pela superfície e a mudar de lugar as grandes rochas e os fundos vales. Protegiam-se todos encolhidinhos e uns ao lado dos outros em grande silêncio, até que os grandes tremores acabassem.

Todos os dias, que eram muito longos, dias quase noites e noites quase dias, os anões saíam a trabalhar e iam alegres a cantar sempre com a intenção de trazer para o grande salão do reino dos anões algum cristal bem diferente. Quando estavam cansados procuravam, lá mesmo onde estivessem, um bom cantinho pra dormir e repor as forças.



Assim era, assim foi, durante anos e anos, a perder o conto...

Mas todos esperavam, com grande ansiedade, o dia anual do encontro com **Niknok**.

Niknok era o mais velho de todos, o mais sábio, o que tinha mais experiência e muito boa memória!

Todos os anos se reuniam no grande salão do reino para ouvir os conselhos de Niknok, mas principalmente as lindas Estórias que ele contava.

E foi assim que numa época muito especial, já corriam rumores que Niknok tinha algo muito importante a dizer. E todos esperavam que chegasse o momento de ouvir os seus ensinamentos.

Desta vez, porém, estavam todos já reunidos no salão imperial, quando Niknok apareceu, vestido com o seu longo e costumeiro traje, trazendo à cabeça seu comprido gorro e a sua longa e áspera barba a arrastar pelos seus pés. Foi um silêncio geral.



Os pequeninos encostavam-se às mães, com os olhinhos bem abertos para ouvir a Niknok. Tinham um pouco de receio de irem ouvir outra vez aquelas Estórias de tempos passados, ou então sobre os cataclismos que vinham aí, ou sobre as línguas de fogo que inundavam a superfície da Terra...

Os mais velhos esperavam que ele fosse contar algo de que eles também já suspeitavam, para depois poderem dizer uns aos outros, cheios de orgulho, que já sabiam tudo de cor e salteado e aquilo não era novidade nenhuma!

Mas desta vez aconteceu algo totalmente diferente!

Após a saudação dos anões, Niknok levantou-se, ergueu a sua mão para o alto e disse:

- Meus caros companheiros, desta vez não vou contar-lhes uma Estória.

Ah! foi espanto geral. Como? Se durante tanto tempo todos esperavam por isso?!!! Niknok devia estar já muito velho e não tinha mais Estórias para contar? E agora? Como poderiam eles viver daí para frente sem uma nova Estória ?

Erguendo novamente a mão ao alto, Niknok pediu silêncio.

- Não vou contar-lhes uma Estória, mas vou pedir-lhes sim, que façam algo . Isto trará para todos uma grande surpresa, algo grandioso está para acontecer e que irá mudar por completo a vida de todos nós.

Surpresa ? Grandioso ? Estranho? Já Demência?

As vozes dos anões misturavam-se com os sussurros dos mais medrosos e com a indignação dos mais orgulhosos por sentirem que a tradição da Estória anual iria ser quebrada e ainda por cima pelo próprio Niknok que tanto fazia para manter os costumes e as tradições do Reino dos Anões.

Mas o profundo respeito por Niknok fez com que todos pouco a pouco se acalmassem ao ouvirem então, lá do meio da multidão, a voz singela de Nikmut, o mais pequenino e o mais fracote de todos, a dizer:

- Mas vamos lá ouvir o que ele tem para nos pedir !!!

Niknok pediu então a todos que se juntassem numa grande pirâmide e que cavassem, muito ligeiros, mais um túnel mas desta vez não em direcção às profundezas, mas sim para cima, em direcção à superfície.

- Não tenham medo! disse ele, vamos cavar sem cessar até que a última pedra role pelo vale profundo. Nada de mal nos acontecerá e nem mesmo as labaredas de fora nos poderão fazer mal.

As palavras de Niknok foram tão decididas que, motivados por uma força interior enorme, os anões começaram a executar o seu pedido. Os mais robustos e fortes formaram uma grande base, entrelaçando os pés e os braços para suportar os ainda mais fortes que começaram a cavar para cima. Outros carregavam as pedras, as mães arrumavam-nas nos diferentes depósitos do reino e os mais pequeninos limpavam os caminhos...

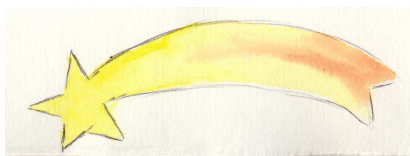
Assim a pirâmide foi crescendo e havia cada vez mais anões uns em cima dos outros e o túnel ia ficando cada vez mais alto até que faltava agora somente a última pedra a ser empurrada para fora...

Ninguém tinha coragem para o fazer. A grande pirâmide de anões tremia de cima abaixo.

E foi Nikmut, que com sua leveza e movimentos precisos, subiu a grande pirâmide, pisando aqui num ombro, ali numa cabeça, acolá equilibrando-se numa barba e assim conseguiu chegar até ao topo.

Num gesto decidido empurrou a última pedra que rolou para fora abrindo a passagem para o exterior...

A pirâmide desmanchou-se e no meio de gritos e exclamações os anões puderam ver o céu que acima, cravado de pontos brilhantes, fazia de pano de fundo para algo demasiado grandioso para os seus olhinhos.



No céu, uma grande estrela, uma estrela diferente e especial, lançava raios luminosos em todas as direcções de tal modo que inundaram o grande salão real, fazendo com que cada cristal, cada pedra e cada minério se vestisse de cores maravilhosamente

luminosas, de brilhos e esplendores jamais vistos por alguém.

A todos faltava a voz, em muitos rolavam lágrimas dos olhos.

Puderam então ver seus gorrinhos vermelhinhos, seus vestidos azuis, verdes, amarelos e a longa barba branca de Niknok!

Puderam ver as colunas de jade, os nichos de ametistas, as ruas de rubis, os tectos de esmeraldas e o trono real dourado.

Estavam todos deslumbrados!!!

Num acto espontâneo de profunda gratidão todos se curvaram diante de Niknok e levaram os seus gorrinhos encarnados a tocar no piso transparente de safiras do salão real.

E dançaram e cantaram, em júbilo! Saltaram e entrelaçaram os braços, as pernas e os pés em danças e lengas lengas, em fandangos e festins.

Assim foi e ainda agora assim é...

E nesta época em que nós acendemos as velas do advento de Natal, se colarmos os ouvidos rente ao chão e ficarmos bem quietinhos, podemos ainda ouvir os cantos e os festins dos anões nas profundezas da Terra a festejar a chegada da Estrela que trouxe Luz e Cores ao seu mundo e ao mundo de todos nós. E ficaremos todos também deslumbrados com tanta beleza e alegria! Ouviremos até mesmo a voz rouca de Niknok, que viverá para sempre, a cantar:

**- Anõezinhos pequeninos
Sobem o morro sem cessar
Seus gorrinhos vermelhinhos
Vão pra lá e vão pra cá
A procurar um bom cantinho
Pra dormir e descansar.**



Feliz Natal!

Mauro Menuzzi / Dezembro 2008

Ilustrações: Alexa Rosenbaum